

Dissidências e diferenças de sexualidade e de gênero:

O que crianças narram de si mesmas?

Alexsandro Rodrigues¹
Alexandre Filordi de Carvalho²
Ariane Celestino Meireles³
Steferson Zanoni Roseiro⁴

Resumo: O artigo objetiva colocar em destaque conversas de professoras e crianças na intersecção entre o gênero e a sexualidade em busca da potência dos corpos livres do consenso como doença. Para tanto, articula o conceito de heteronorma e de brutalismo para explorar modos de resistência por intermédio de corporeidades de crianças dissidentes. Conforme evidencia, há um movimento incisivo na vida de amolar facas e apontá-las para os corpos em dissidência, indicando um ódio que é a um só tempo individual e coletivo. Todavia, a escola convida o leitor a não ver apenas os brutalismos. As crianças em dissidência não apenas existem, elas também fazem alianças, convocam o outro a se posicionarem. “Professora, o que é que a senhora fará para que isso não se repita novamente?”, convoca uma criança. Assim, realça a importância do diálogo com as crianças, ressaltando como as crianças dissidentes são potências para escrita de outras histórias para além da heteronormatividade.

Palavras-chave: Crianças. Dissidência. Sexualidades. Gênero. Escola.

¹ Doutor em Educação pela UFES. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. E-mail: xela_alex@bol.com.br.

² Doutor em Educação pela Unicamp e em Filosofia pela USP. Professor do Departamento de Educação da UFLA e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unifesp. E-mail: afilordi@gmail.com.

³ Mestra em Política Social pela UFES. Professora da Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. E-mail: arianecelestinomeireles@gmail.com.

⁴ Doutor em Educação pela UFES. Professor da Rede Municipal de Ensino de Cariacica-ES. E-mail: zanoniroseiro@gmail.com.

Esse artigo tem por objetivo colocar em diálogo, em cena, dar destaque e passagem a conversa de professores e crianças na escola, interseccionados que estão e ficam por tecnologias de gênero e sexualidade que tomam o corpo como alvo, meio e fim nos cotidianos por onde a vida é tecida. Muitas vezes o corpo é parasitado, colonizado e brutalizado por injeções de representações de animais que adoecem pelo consenso, parafraseando a ideia de Châtelet (2010). O consenso como doença é uma espécie de cretinização da vida, segundo Châtelet, na medida que reduzem as linhas do horizonte de várias possibilidades de a existência ser dissenso com relação aos convescotes da trivialidade normativa. O que nos interessa é justamente a potência dos corpos livres desta doença.

Então aqui, buscamos nos valer de um modo próprio de fazer escrita, aproximando da atitude política das pesquisas *nos/dos/com os*⁵ cotidianos e nas/das pesquisas acriançadas⁶ que tomam as conversas tecidas ao sabor dos acontecimentos como fios narrativos de vidas que importam desde onde se encontram. Acompanhamos Michel Foucault (2003, p.339) nas pesquisas acriançadas *nos/dos/com os cotidianos*, quando diz que compreende por acontecimento a ruptura das “evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas”. O acontecimento é sempre um corte no cinismo da doença do consenso, pois rompe com a compreensão dos efeitos performados em causas estabelecidas. A criança sempre faz isto quando brinca, experimenta a plasticidade de seu corpo, inventa palavras, imagina; a criança é sempre acontecimentos destruindo da poltrona da monarquia dos significados o reinado dos sentidos preestabelecidos. A partir daí tomamos a pesquisa como maneira

⁵ Aprendemos com Nilda Alves e Regina Leite Garcia que as pesquisas não são firmadas em um único sentido. Assim, as pesquisas são feitas *nos* cotidianos, mas também são *dos* cotidianos, mas e principalmente, são feitas *com* os cotidianos, porque o cotidiano é um campo de experiência única e múltipla a qual não se é possível atravessar sem se afetar por/com ele. Desse modo, ao longo do texto, optamos por manter a junção das preposições *nos/dos/com* em diferentes momentos, indicando a multiplicidade relacional para com o universo em questão.

⁶ Sobre pesquisas acriançadas, de nossa autoria, sugerimos a leitura do artigo “Crianças em pesquisas que se arriscam, riscam e dão passagem a abordagens metodológicas brincantes”. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9956>, acesso em 28 jul. 2023.

acriançada de deixarmos ser atravessados pelas intensidades dos cotidianos. Desde então, fazer pesquisa nos/dos/com os cotidianos demandam nos atentar aos acontecimentos e, para nós, isto tem grande interesse, por permitir problematizar os efeitos das políticas conservadoras sobre vidas que não nos pertencem e que não cabem no sistema de medida da heteronorma com seus violentos contos de fadas.

Para tanto, o artigo se organiza em dois movimentos. No primeiro, investigamos a relação direta da heteronorma com a noção de brutalismo (MBEMBE, 2021) para explorarmos modos de resistência a ele por intermédio de corporeidades de crianças dissidentes. Ao mesmo tempo, defenderemos a importância do diálogo com as crianças o que nos prepara para o segundo movimento. Nele, a partir do enfoque de narrativas do cotidiano escolar, ressaltamos como as crianças dissidentes são potências para a escrita de outras histórias acerca daquilo que fizeram conosco a partir das histórias heteronormativas. Ao cabo, suscitamos um conjunto de problematizações.

Heteronorma e brutalismo: resistir à dissolução das corporeidades das crianças dissidentes

Ao mencionarmos os efeitos das políticas conservadoras afeitas à medida da heteronorma, duas questões se tensionam. De um lado, ressaltamos que a heteronorma funciona semelhante a uma órbita agregadora de múltiplos valores. A ideia de Prudente (2019) ao designar o hetero como “euro-hétero-macho-autoritário” nos ajuda nesse sentido. De fato, a heteronorma é o consenso doente em torno da sexualidade da colônia, com a sua fúria de destruição da liberdade, dos corpos ao léu, manejando a banalização do estupro, da violência, do furor da aniquilação do acriançamento do que era original: os povos originários. Mas ela é também a pinça irremediável do hétero-macho, transpirando a raiva de uma sexualidade mal resolvida, aceitando a imposição de papéis justamente coloniais. Logo, sempre autoritário, incapaz de enxergar na dissonância dos *autos*, do que é próprio, singular, diferente, pois se vê sempre como o *autor* tabu da lei, da regra, do ordenamento. Eis a heteronorma; herança incrustada nos modos de ser das crianças que, ao ser denunciada, causa alvoroço, convocando as

cruzadas euro-hétero-macho-autoritária a recolonizar em nome do sacro império da dominação.

É evidente que isso os animais doentes de consenso querem sempre conservar. Afinal, o originário-LGTB-singular-múltiplo-dialógico afronta a colônia medievalesca do uso dos prazeres, dos territórios do corpo, destinados às capitâneas hereditárias das funções. Mas nesse caso, é um voltar sempre atrás. E o conservadorismo é a máscara mais superficial do que é reacionário. Reich (2001) mostrou que a força reacionária condiz com o desejo de voltar à fantasia do passado glorioso. Digamos assim: ah, antigamente não tinha esse negócio de gay, bicha, sapatona, não; nem mulher com mulher, homem com homem. A heteronorma é reacionária porque se espelha na continuidade da colonização do diferente. A força reacionária não apenas paralisa, mas explora a vontade de conservação transformando-a em arma cotidiana de perseguição, cancelamento subjetivo, chibatada moralizante, exposição degradante e ignomínia delirante. Se na colônia os povos originários e os povos africanos eram coisificados, visto não terem alma ou por serem considerados inferiores, na colônia reacionária, além disso, os corpos das sexualidades e dos gêneros originário-LGTB-singular-múltiplo-dialógico não apenas são coisificados, mas tomados como a maldição desconforme aos juízos do consenso heteronormal.

Contudo, as pesquisas acriançadas, essas que nos interessam porque diz muito de nós, dão passagem a crianças de todo tipo que inspiram e fazem pirar as ações e os juízos reativos da heteronorma. As crianças são focos de experiência fundamentais pois ainda não interiorizaram as aberrações dos delírios primordiais das casinhas bilaterais: Sexo – () M; () F. As crianças em nossas pesquisas, dissidentes do dispositivo da infância, comparecem como presenças em atos conversantes, no entre, num eterno já saindo, deflagrando outros principiares, pois são acontecimentos. Por dispositivo da infância, aproximamos de Jorge Larrosa (2004), no que ele diz:

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. A infância desse ponto de vista, não é outra coisa senão o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa aprendida por um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e

eficazes, ou o usuário de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou às suas demandas. Nós sabemos o que são as crianças, ou tentamos saber, e procuramos falar uma língua que as crianças possam entender quando tratamos com elas, nos lugares que organizamos para abrigá-las. (LARROSA, 2004, p.184).

As crianças que comparecem - desaparecendo em nossas pesquisas, porque sabem ir e deambular, não estão nesses confortáveis lugares que os amantes do dispositivo da infância insistem em arranjar e colocar as crianças. Todas as crianças são alvo do dispositivo da infância. Mas nem todas as crianças cabem no dispositivo da infância e por ele se interessam. As crianças de nossas pesquisas não comunicam com a língua que os adultos dominam. Aliás, a língua do adulto é sempre aquela derivada da gramatologia de poder que a herança colonial com seu fetiche euro-hétero-macho-autoritário. As crianças de nossas pesquisas fazem a língua gaguejar e tremer. Sendo puro acontecimento, elas vão contra o “monopólio da relação de ordem simbólica dominante”, como bem assinalou Deligny (2018, p. 106), que tende a excluir qualquer outra forma de relação simbólica.

Mas não é só isso. Tem horas que pensamos que as pesquisas acriançadas nos/dos/com os cotidianos seguem os efeitos das marcas deixadas pelos pés do Curupira. Nunca sabemos a direção que devemos tomar. Sabemos que devemos prosseguir. As pesquisas acriançadas têm como princípio, organizar experiências aprendentes acontecimentais e seguir apaixonadas pelo deslocamento aberto. Somente assim, as crianças vazam o monopólio dos sentidos e ocupam com outras coisas, porque mais prazerosas e livres dos entulhos do consenso doentio. Por isso não buscamos entender as crianças, mas nos acumpliciar-mos com seus acrinhançamentos: questão de experimentação. As crianças dessas pesquisas nos/dos/com os cotidianos não estão disponíveis para quem tem pressa e não consegue acolher a diferença como presença. As pesquisas acriançadas são desaforadas, debochadas quando podem e amantes da ironia. Tristezas e ressentimentos não se criam nas pesquisas acriançadas que nos interessam na intersecção com criança, gênero e sexualidade. As crianças de nossas pesquisas não cabem no dispositivo da infância e naquilo que se mostra como familiar e identitário. Apostando nesta perspectiva de pesquisa acriançada com os cotidianos,

seguimos acreditando que, “só faz pesquisa com os cotidianos quem se permite criar, tem desejo por saber o que ainda não se sabe e paixão por uma vida que pode ou não ser a sua. Por isso, as crianças (...) são potencialmente pesquisadoras nos/dos/com os cotidianos” (RODRIGUES, et al, 2018, p.129).

Considerando nossas intenções com pesquisas acriançadas, modos de fazê-las sempre permitem o risco, o devir criança, a força, o acontecimento e, inclusive, a aprendizagem daquilo que não sabemos, porque é de longa data que saber é poder, e vice-versa. A emergência do que se pode daí derivar é companhia e convite para acolher as dissidências em nós. Nesse tempo de conversas acriançadas, feitas em acontecimentos, temos compreendido que para um corpo-criança existir, um tanto de condições precisam ser inventadas para garantir sua existência e o seu agir no mundo. Um corpo-criança, um corpo-bicha, um corpo-sapata, um corpo-travesti, um corpo-trans, um corpo-dissidente das normas de gênero e sexualidade não se cria, sem um tanto de condições. Deligny (2011) sustentava que as instituições precisavam se organizar não apenas em sua infraestrutura, mas ainda mais nas condições subjetivas de se serem criadores de circunstâncias, atentando-se justamente para novas demandas de circunstâncias. No lugar disto, porém, muitas vezes os dispositivos educacionais ignoram as novas circunstâncias demandadas pelos corpos das crianças, para além das interpostas pelos coágulos da heteronormatividade.

Por conseguinte, fora das condições, das redes de apoio e dos afetos que importam, o corpo-dissidente, corpo-criança, corpo-novidade fica exposto à vulnerabilidade e a precariedade. Judith Butler (2018), pensamento acriançado, com quem gostamos de conversar, e também criança travessa e dissidente das normas de gênero e sexualidade, chama nossa atenção, para o seguinte fato:

Não podemos falar sobre o corpo sem saber o que sustenta esse corpo, e qual pode ser a sua relação com esse apoio – ou falta de apoio. Desse modo, o corpo é menos uma entidade do que um conjunto vivo de relações; o corpo não pode ser dissociado das condições ambientais de infraestrutura da sua vida e da sua ação. Sua ação é sempre uma ação condicionada, que é sentido do caráter histórico do corpo, além disso, humanos e outras criaturas dependem do apoio da infraestrutura, de maneira que isso se expõe uma vulnerabilidade específica que temos quando as condições de infraestrutura

começa a se decompor, ou quando nos encontramos radicalmente sem apoio em condições de precariedade (BUTLER, 2018, p. 72).

Com Judith Butler (2018), compreendemos que uma vida só é possível em sua potência de agir, se estiver sustentada por condições e instituições que permitem que esta vida seja vivível. Por isso, não se é possível pensar uma vida corporificada, encarnada, fora das condições de afeto, de cuidado, de solidariedade, de respeito, de atenção, de abertura à alteridade, se não somados a tudo aquilo que nos torna humanos. E nesse processo de nos tornar humanos, a corporeidade é precisamente o que singulariza cada humanidade. A corporeidade não concerne apenas ao que há no corpo e à organicidade que lhe é própria. “A corporeidade também se refere ao modo como o corpo é objeto de percepção, ou seja, como é criado e recriado pelo olhar, pela sociedade, pelo poder; o modo como se posiciona em relação a tudo que o cerca ou que se move e cria um mundo ao seu redor” (MBEMBE, 2021, p. 12).

Com efeito, sem condições de proteção a corporeidade da criança as instituições assinam o seu atestado necropolítico, isto é, uma política capaz de matar o que há de mais singular na criança. É por isso que aprendemos com as crianças a denunciar que nem toda vida, acontecendo nas dissidências, afirmando-se por corporeidades desalinhadas, isto é, fora da norma que busca regular o que pode um corpo, colonizando-o por um sistema de medida em gênero e sexualidade, encontra as condições para continuar em vida ou até mesmo vivendo. Mbembe (2021, p. 13) denominou isto de brutalismo: “uma época dominada pelo *páthos* da demolição e da produção, numa escala planetária, de reservas de obscuridades”. No brutalismo a normalidade é o exercício político reativo de demolição dos seres vivos, das coisas, dos sonhos, da vida e do que não se conforma ao próprio brutalismo.

No brutalismo, não é todo corpo que é considerado digno de sua vida. O sistema de medida que qualifica uma vida, valendo-se da heteronorma como padrão ideal de sua humanidade, muitas vezes, buscando conservar a vida no mais do mesmo, não está disposto a acolher a novidade no mundo e tampouco nas corporeidades LGBTQs. Desta maneira, as crianças em dissidências, não encontram as condições, que as/nos permitem expandir a vida, dos lugares que reconhecemos como sujeitos de desejos. A norma teme

aos nossos desejos e ao que eles podem dizer de nós em plena singularidade. Diante desse sistema de medida excludente e perverso, que não renuncia seus privilégios, estamos, através de nossas presenças insubmissas diante das tecnologias de gênero e sexualidade, desenvolvendo parcerias como histórias que têm nos ajudado a criar condições para a expansão da vida e o adiamento do fim do mundo. Sobre o adiamento do fim do mundo, Ailton Krenack (2020), criança também dissidente, faz saber que,

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a que ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que canta, dança e faz chover. O tipo de humanos zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo (KRENAK, 2020, p. 26-27).

Se nosso tempo é especialista em brutalismos, ele também o é em criar ausências, como bem disse Krenak (2020). Entretanto, ficamos com as crianças e insistimos aqui, em tecer uma política de vida e para a vida, com experiências de professores e estudantes dissidentes, narrando histórias profanadoras da infância, da docência e da escola e nos encantando com as presenças insubmissas daqueles e daquelas que sonham com uma vida bonita. Somos acontecimentos conversantes, constelações que brilham histórias e modos de vida que sonhando na luta, movimenta-se em nossas frágeis redes de apoio e sustentação. Se nosso tempo é habilidoso em produzir histórias que fazem alianças com os conservadorismos reacionários, fundamentalismos e fascismos brutais, por aqui comparecemos para destecer as histórias que vocês inventam sobre nós e nossos modos de vidas. Somos boas nisso. Sabemos fazer coquetéis Molotov de sentidos, enganar com pés de curupira, reverter o cinismo em gestos cortantes da hipocrisia que, malquista do prazer, pensa que pode colocar cabresto no prazer alheio.

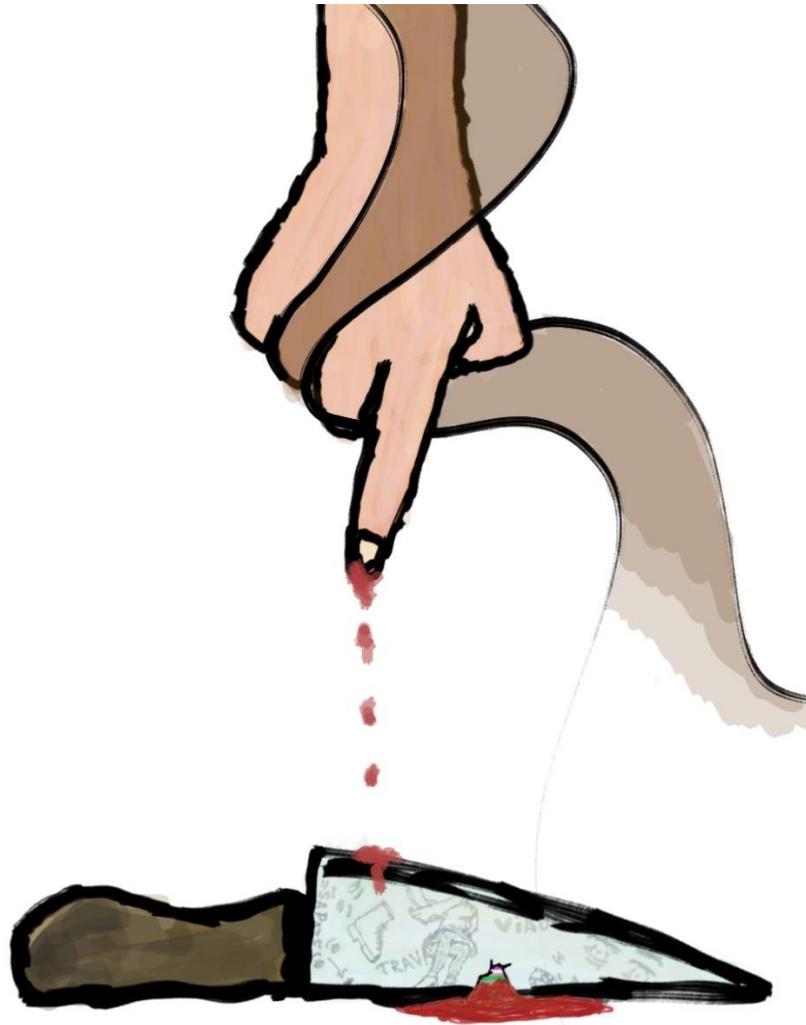
Para as crianças dissidentes, as redes de apoio, estas que são parceiras dos dispositivos da infância não estão dadas. Elas se prestam apenas para defender as

infâncias dispositivas nas intenções guardiãs do sistema sexo-gênero normativo e para forjar nas crianças esse lugar-demanda de poder conservador-reacionário, por intermédio do qual se desenvolvem apego, amor e a reiteração cotidianamente em sua ação no mundo. Contudo, fazendo assim, elas apoiam as crianças dentro dos circuitos do brutalismo e para o brutalismo. As redes de apoio, para uma vida dissidente não estão dadas nas instituições da polícia da infância: família, escola, política, direitos humanos etc. Se não fosse assim, haveria a garantia de nossas existências-crianças desde cedo.

A infância é uma faca na garganta mas não para a educação dissidente

Seguimos tateando a vida, pisando em ovos, mas cansadas de pés de bailarinas. Nossas redes de apoio, frágeis, comparecem no agir do não-saber o que pode uma vida e um corpo. Muitas vezes as instituições que deveriam garantir nossas vidas, são as que permitem a existência dos amoladores de faca. Usamos a faca por algumas razões. Ela é típica da materialidade brutal: violentar o minério, levar ao fogo, bater, afiar, rebater, afiar novamente. Faca é arma branca. Branca, como vimos, é a heteronormatividade. Branca é a política e seu poder de brutalismo. Quem amolam essas facas; quem as usa; quem as coloca em circulação? Mouawad (2013, p. 130) tem toda razão: “a infância é uma faca enfiada no pescoço” e é preciso saber tirá-la.

Imagem 1 – *Arma branca, arma euromacho*



Fonte: os autores.

Uma criança passou por aqui com medo de sua mãe! Desculpe-nos, nos enganamos, não era sua, era sua professora! Do coleguinha da escola... Do prefeito da cidade... Etah crianças levadas... São muitos os nomes dados aos que enfiam a faca no pescoço das crianças: a infância tem de ser assim – viva o imperativo categórico! Sobre os amoladores de faca, conservadores e suas alianças genocidas, Luiz Antonio Baptista (2020), vida dissidente, criança levada, atenta e que corre entre nós, alerta-nos para o fato que:

O fio da faca que esquarteja (...) possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrado em discursos, textos, falas, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição plenamente viva (BAPTISTA, 2020, p.112).

Mas não é só isso!

Os amoladores de facas têm em comum é a presença camuflada do ato genocida. São genocidas, porque retiram da vida o sentido de experimentação e criação coletiva. Retiram do ato de viver o caráter pleno de luta política e o da afirmação de modos singulares de existir. São genocidas porque entendem a ética como questão de polícia, do ressentimento e do medo. Não acreditam em modos de viver, porque professam o credo da vida como fardo ou dádiva. (BAPTISTA, 2020, p. 114)

Imagem 2 – Onde a faca mais dói



Fonte: os autores.

As crianças em dissidências, essas que produzem redes de apoio fora do dispositivo da infância, assim como Luis Antonio Baptista, estão atentas aos diferentes fios que compõe a trama genocida dos amoladores de faca que, a depender do momento político, da disputa eleitoreira, orgulham-se em dizer que são conservadores. Numa rede genocida, fundamentalista, ninguém amola a faca sozinho. Os amoladores de faca fazem isso juntos, disseminando medo, ódio, preconceitos, enfim, o brutalismo de sempre. Ana Archangelo e Erna Von der Walde (2009), refletindo sobre o filme *A Vila* e o desejo de ordem no mundo, assim afirmam:

O termo fundamentalismo foi introduzido nos anos de 1920 por um setor protestante nos Estados Unidos o qual, reagindo à crescente secularização do mundo moderno e à liberalização das práticas religiosas, defendia o retorno aos princípios fundamentais de sua doutrina. O termo passou a ser utilizado também como referência a movimentos comparáveis a esse em outras religiões e a ser associado a sectarismo e fanatismo. Atualmente, no entanto, seu uso está eivado não apenas de significados propriamente religiosos, mas também políticos e culturais, uma vez que tem sido amplamente utilizado em frentes político-ideológicas. (ARCHANGELO; WALDE, 2009, p. 53 e 54)

As autoras (2009, p.55) a este respeito informam que o fundamentalismo, “...é, antes de mais nada, uma atitude, que se repete em várias práticas sociais”. E daqui, compreendemos que o fundamentalismo, sendo uma atitude, entrelaça-se com o dispositivo da infância e da família, como forma de garantir a presunção da inocência das crianças. Não é a criança que é o fundamento, mas sim a inocência pretensamente fundada para ela. Mas se é uma atitude, temos então todas as razões do mundo para barrá-la, contestá-la, problematizá-la. Uma atitude é sempre invenção, relação de poder e apego. Por essa via que muito nos interessa, as autoras compreendem o fundamentalismo como

[...] uma atitude que resulta de uma estratégia psíquica de manter sob controle a divisão entre o objeto bom e o objeto mau. Encontra-se algo ou alguém contra quem destinar pulsões mais hostis e a quem responsabilizar pelas ansiedades mais assustadoras e impõe tal violência sobre o outro – o estranho, o diferente – mediante a projeção eles são violentos. (...) [Outro] aspecto a salientar é a tentativa onipotente de controle do indesejável, do imprevisível e do imponderável, mediante o controle do tempo, ou melhor, mediante a supressão do tempo. A atitude fundamentalista acredita ser possível evitar a decepção através da volta ao passado, ao tempo da

inocência, em certo sentido ao paraíso perdido (ARCHANGELO; WALDE, 2009, p. 54).

Os amoladores de faca, os conservadores reacionários, os fundamentalistas, encontram-se como força de reiteração naquilo que os tornam comum. Essas pessoas, com suas estruturas e dispositivos, manipulam palavras e textos, o dito e o não dito, a favor do mundo que pretendem como origem, como o bem, como o certo. Daí essa busca incessante pelo que se fundamenta, isto é, pelo *ab ovo* narrativo, a fantasia de que na origem – “Criou Deus homem e mulher” – tudo estava misticamente determinado a ser. Seguindo com os argumentos de Erna Von der Walde (2009), os fundamentalistas estão ensaiando estas práticas, modos de agir, desde os anos 20 do século passado. Se eles estão ensaiando seus modos de agir desde este tempo, aqui informamos aos vigilantes de gênero e sexualidade: nós também. E a faca atravessada em nossos pescoços não continuaram a determinar o que podemos ser e fazer de nós mesmas como pessoas singulares, livres e destemidas.

Por isso mesmo, resoluta contra os amoladores de faca que atravessam-na nas gargantas das crianças; atenta às estratégias conservadoras reacionárias de disseminação de ódio e de fragilização das vidas que não se conformam, uma professora-dissidente, dessas que gostam de nossas companhias, entra aqui na conversa com sua corporeidade, porque atenta à produção da vida, enfrenta frontalmente o que há de mais reacionário na educação: o confisco das sexualidades e do gênero. Eis a sua voz e vez:

Conservadorismo..., acho que é a obsessão de algumas pessoas, sendo explorado na sua máxima potência, fazendo uso da produção do medo e da moral que busca conservar as coisas em seus devidos lugares na tentativa de impedir a chegada do novo no mundo. Acho que é isso! Gente com cheiro de mofo, manipuladora de histórias e que sabem convencer as pessoas de todas idades e classes, na força do grito, do ódio e do discurso pastoral, a amolarem a faca e disferir sobre os grupos minoritários todas as formas de preconceitos. Aqui no município, essas pessoas perderam a vergonha! Está liberado, e é motivo de orgulho dizer que é tradicional, que é conservador. Batem no peito para dizer tanta sandice e na maioria das vezes afirmam tudo isso se valendo de fragmentos da bíblia. Teve uma época, bem recente, que era feio dizer que era conservador. Hoje não. Hoje é motivo de orgulho e de distinção. Essas pessoas conservadoras acham que suas vidas valem mais. E valendo mais, não se reconhecem homofóbicos, transfóbicos, lesbofóbicos, misóginos, racistas, classistas, capacitistas etc., apenas tradicionais e conservadores. Dizem que estão em defesa da criança que se deseja heterocentrada, da família tradicional e das leis de Deus. Em torno desses discursos e de políticas conservadoras somos todos vigiados e ameaçados nas escolas. Eu

achava que somente professores LGBT éramos vigiados nas escolas. Na escola todas estão sendo vigiados pelo conservadorismo. A gente nunca sabe de onde vem a vigilância. Até as crianças podem entrar nessa rede de vigilância. Já ouvi dizer que as crianças e adolescentes estão sendo orientadas a gravar nossas aulas. Vê se pode um troço deste! Vou logo avisando as crianças e aos pais que não permito que gravem minhas aulas. Esses conservadores estão saindo das igrejas e ocupando as Câmeras de Vereadores e a Assembleia Legislativa. Defender a criança, a família tradicional e as leis de Deus, elege vereadores, prefeitos, deputados e até Presidente. E desses lugares, fazem lavagem cerebral nas pessoas, dizendo que nós, professores comunistas, doutrinadores, piores que traficantes, fazemos ideologia de gênero nas escolas. Eu, ainda não sei o que é isso de ideologia de gênero. Já ouvi tanta sandice a respeito. Será que é permitir as crianças viverem suas experiências aprendentes com o corpo, com o gênero e a sexualidade, sem serem violentadas, reprimidas e insultadas? Dizem por aí, que nós queremos ensinar na escola meninos virarem meninas e meninas virarem meninos. Vê se pode uma coisa desta. Palhaçada viu. As crianças desse tempo não são bobinhas como nós fomos. Chegam feitas e afrontosas nas escolas. Dia desse uma criança, do quinto ano de escolaridade, com apenas dez aninhos de idade, quicando a bunda no chão, disse em bom som para toda sala de aula ouvir: “Não vim na escola para ser ofendida. Vim na escola para ser respeitada. Exijo respeito”. E olhando para mim seriamente perguntou: “Professora, o que é que a senhora fará para que isso não se repita novamente?”. Veja, uma criança me convocou a tomar partido e fazer parar a homofobia de uma criança guardiã da heteronormatividade. Veja que maravilha. Quando criança, diante dessas violências vividas por mim e por muito de nós, eu só fazia chorar. Não é assim mais não! Essa criança, deixando vazar um (fe)menino em si, ainda disse para o coleguinha: “Não tem nada de errado com a minha dança e com meu modo de ser. Errado é a sua homofobia. Aprendi isso com minha mãe”. Mas, esses conservadores, que batem no peito em defesa da criança normal nada sabem sobre a escola e o que acontece nela! Né?

(Narrativa de uma professora da escola básica⁷)

⁷ Em nossas pesquisas, narradores não precisam de um nome, muito menos um codinome. Nossos narradores são experiências recolhidas ao sabor do tempo vivido e da atenção. Por sermos feitos de histórias, estamos atentos. Fazemos pesquisas recolhendo histórias. Muitas dessas histórias de tão reais que são podem assumir a ficção e o fabular como modo de narrar.

Imagem 3 – *(fe)menino que vaza*



Fonte: os autores

A criança que deixa vaziar o seu (fe)minino tem fé em si mesma e fé em relações humanas não conformes aos brutalismos de gênero. Professores e professoras de todas as épocas e lugares, para além de exercer a função pública de contadores de histórias, envolvidos que estão com políticas de currículos e com vidas que importam desde a infância, vivem suas práticas docentes recolhendo e inventando histórias. Tal como aquela criança, também professam outra utopia, ou se preferirem, outra fé: são pro(fé)ssores.

Foi nesse exercício cotidiano de atenção aos processos criativos, que muito dizem do que somos e daquilo que ainda não somos embolados que estamos por tempos e espaços praticados, é que vamos dando passagem às conversas com praticantes da escolas, por dentro das políticas de narração, atentos que estamos à expansão de vidas em gênero e sexualidades que não se conformam com as roupas de tamanho único,

oferecidas pela cultura e seus processos cirúrgicos. A faca amolada da cultura, das normas de gênero e sexualidade, desde a mais tenra idade e antes dela, cortando a todo tempo, não nos deixa de parar de sangrar ao fazer nossos corpos caber no limite da heteronormatividade.

Tais facas são afiadas em ódio. O ódio existe, sustenta Glucksmann (2007, p. 11), “tanto na escala microscópica dos indivíduos como no cerne de coletividades gigantescas. A paixão por agredir e aniquilar não se deixa iludir pelas magias das palavras”. E de tanto sangrar, morremos afirmando as lógicas binárias no jogo de força entre um ideal de masculinidade e feminilidade, sempre repostas no ódio ao que difere, ao que não se conjuga pelo fato M/F. Sobre o sistema binário que a tudo busca dominar e controlar, com bell hooks, compreendemos que ele é “o componente central de todos os sistemas de dominação na sociedade ocidental” (hooks, 2015, p.68), uma vez que faz movimentar os fundamentalismos e conservadorismos. Atento às lógicas binárias que todos buscam controlar, um dos autores desse texto, juntamente a Marcio Caetano e Ileana Wenez (2020), dizem:

[...] a criança aprende nos jogos de gênero as performatividades que ela significará como masculino e feminino. Estas aprendizagens serão fundamentais, à medida que através delas, as crianças adquirem as ferramentas básicas para se relacionar socialmente adequada aos valores androcêntricos e heteronormativos. As lógicas androcêntricas de desqualificação do feminino não representam somente o movimento de alocar determinada performatividade masculina na centralidade cotidiana da vida. Elas se tornam prisões empobrecidas de criações, que aliadas à heteronormatividade buscam legitimar a violência sempre aliada à norma, investidas nas performatividades dissidentes. Existe uma estreita ligação entre misoginia, o androcentrismo e a heteronormatividade que se entrecruzam para o domínio do patriarcado. A heteronormatividade, ao se conectar com as lógicas androcêntricas e misóginas, busca sustentar por meio da cultura universalizada, também nos currículos, a reprodução do sistema binário. (RODRIGUES; CAETANO; WENTEZ, 2020, p. 47)

Quando prestamos atenção no que dizem professores e crianças da escola, vamos compreendendo, no paradoxo e na complexidade da prática docente, os arranjos que por ali acontecem e que permitem fazer denúncias sobre a barbárie e anúncios de um tempo bom. É que o brutalismo também se disfarça no ódio camuflado de ternura: – ah, mas se estou dizendo que isso não é coisa de menino ou de menina para o seu bem!

São facas atravessadas na garganta da criança para a sua pretensa proteção: menino não rebola, joga bola; menina requebra.

Na escola, o que não nos faltam, quando nela prestamos atenção, são as histórias que, em exercícios de coragem, fazem valer o direito de existir na diferença, pelo tempo que interessar às vidas que não se conformam. Recolher histórias de professores e de estudantes, diante do conservadorismo reacionário que busca nos calar e impedir a novidade no mundo é a maneira que encontramos de afirmar aliança, para impedir o fim do mundo. Esse é o objetivo de quem se põe a produzir políticas de escritas valendo de histórias/narração. Sabendo disso, e que narrar é um modo de existir, é que conversas sobre escolas e o que nelas acontecem muito no interessam, sobretudo para seguirmos acriando-nos e contaminando o mundo com nossas presenças. Somos sujeitos feitos de conversas. A conversa, enquanto elemento formador, para além de nos permitir saber de nós, denunciando as mazelas da vida, afirma com a mesma intensidade sua expansão. Só entra numa conversa quem pode chegar e ficar. Na maioria das vezes, só conversamos com quem confiamos!

Entre professores, a escola e o que nela acontece, faz render boas conversas, risadas e abraços. Entre quem se conhece o que não falta são assunto e motivo para outras conversas. Nesses encontros conversantes, feitos de presentes e de vidas encarnadas, processos formativos implicados, aprendizagens bonitas, interesses diversos, fazem a conversar demorar e desviar. Nunca se sabe para onde uma conversa vai nos levar. Temos aprendido, em tempos de conservadorismo e de facas na garganta, a desconfiar e a prestar bastante atenção a quem entra em nossas conversas. Confiando, temos aprendido que a conversa sobre a escola e sobre o que nela acontece faz adiar o fim do mundo e o fim da escola. E por confiar, uma professora, de forma interessada, compondo autoria nesse texto, estranhando a escola que muito conhece, naquilo que a torna tão íntima, faz a gente saber de uma escola que precisa ser narrada, para que ela não seja esquecida, muito menos desacreditada. E esta professora que também acredita na importância das conversas, diz:

Histórias sobre crianças, gênero e sexualidade eu tenho um monte para contar. Parece que as crianças, por sermos dissidentes das normas de gênero e

sexualidade confiam na gente. Talvez seja por isso, que vire e mexe estou eu lá acolhendo as crianças e suas experiências. A primeira história que eu quero lhe contar desse ano de trabalho é sobre uma criança de seis anos. A pedagoga veio perguntar se eu estava conversando sobre homossexualidade com as crianças. Vou te explicar o porque da pergunta da pedagoga. Ela me contou que ficou sabendo que um pai e uma mãe de um aluno da escola estavam em casa falando sobre gays. O garotinho, nosso aluno, estava ouvindo a conversa em casa. De repente a criança interrompe a conversa dos pais e em alto tom diz: “Eu posso ser o que eu quiser. Quem decide sou eu. Se eu quero ser gay, se eu quero ser uma mulher, sou eu que escolho”. Os pais diante da entrada da criança na conversa nada disseram. O silêncio reinou. Parece que naquela casa esse tipo de conversa é proibida para as crianças. A família ficou apavorada com a fala desse garoto e veio para a escola perguntar se nós temos esse tipo de conversa nas aulas com as crianças. A pedagoga respondeu que a escola debate todos os assuntos pertinentes a vida. Eu só acho que a pedagoga vacilou ao não falar que esta temática está dentro das nossas diretrizes curriculares. Até agora mais nada aconteceu. Porque aqui no município, a depender da resposta que a escola dá aos pais, esses saem em disparada para fazer denúncias sobre a professora e a escola. Mas nesse caso, parece que a resposta da pedagoga foi suficiente.

Outra história. Cheguei numa sala de aula para contar uma história. Queria que as crianças participassem ativamente. Levei uma caixa com vários objetos. Queria que as crianças pegassem os objetos que levei na caixa e fossem interagindo com a história a ser contada. A primeira peça que peguei na caixa foi uma saia de tule. Uma saia de bailarina. Ai quando tirei a saia, um aluno de seis aninhos, do primeiro ano, disse: “Quero usar essa saia professora”. Eu nem havia contado ainda para as crianças o que eu iria fazer com aquelas peças. Pensei, ok, quer usar, use. Ai ele pegou a saia, brincou com a saia, dançou, andou pela sala toda. Interessante que nesse dia ele não fez trejeitos. Nem muito menos disse sou uma menininha, sou um viadinho, ou coisas desse tipo. Nada. Apenas brincou. Todos os meninos e meninas começaram a pedir para revezar e usar a saia. Isso foi muito interessante. Em nenhum momento as crianças disseram você é gay, você é mulherzinha. Nada disso. Apenas brincaram com a saia. Eu nem contei a história. Nem deu tempo. A brincadeira rolou a aula toda.

Agora de manhã. Hoje é dia 03 de julho, né? Na aula de educação física, estávamos numa conversa. E uma criança perguntou. “Professora, você namora com uma mulher! É verdade?” Eu respondi: Não. Eu não namoro. Eu sou casada com uma mulher. Essa mesma menina falou: “Então você é gay?” E antes de responder, um outro garoto foi dizendo: “Professora, mulher que namora mulher é sapatão. Você sabe disso né? Eu disse: sei. Ele: “então você é sapatão”; Eu respondi. Sou. Um outro menino da turma disse: “Eu sou gay, sou muito viado, sou muito gay e saiu andando pela quadra produzindo trejeitos, fazendo a caricata”. Aquele menino da saia, que naquele dia que lhe contei apenas brincou com a saia, também saiu dizendo isso. Só que hoje ele saiu dizendo isso e fazendo muitos trejeitos femininos. Ninguém riu, ninguém brigou, ninguém tirou onda com a cara deles, ninguém zombou. Brincaram mais um pouco e a aula continuou.

Estava num canto da quadra da escola conversando com um menino grande. Menino de dez anos. Ele estava chorando muito, muito mesmo. Naquele dia havia acontecido um monte de coisas chatas com ele. E ele chorava chateado com as coisas que aconteceram. Eu estava lá com ele dizendo que estava tudo bem, que ele podia rever as questões. Eu não me lembro mais o motivo real

de tanto choro. Mas sei que era a forma que ele encontrou para aliviar a tensão. O vigilante da escola, vendo aquela cena, de longe gritou assim “Para de chorar cara. Você não é homem não!” Isso me feriu muito. Aí eu disse para o vigilante: “Amigo eu estou aqui. Estou aqui exercendo minha função de professora. Eu não gostaria de ser interrompida. Ele vai chorar porque ele é homem. Os homens choram. Todo mundo chora. E ele está chorando por isso.” Ele não estava chorando por ser ou não ser homem. A questão era outra. Mas aquele vigilante, vigilante das normas de gênero e sexualidade estava ali para não deixar aquele menino esquecer que é um homem.

Foucault (1994) mencionava que a história é constituída por vidas infames. As vidas sem fama alguma, entretecidas na banalidade cotidiana, nas esquinas dos acontecimentos ignorados e, quase sempre, passados despercebidos. Mas a nervura substancial e o cru da história situam-se nas vidas infames, pois elas amplificam os fatos, as circunstâncias, as tramas da nervura do tecido social todos os dias. Os relatos acima compõem a história da escola; evidenciam-se a banalidade de algumas facas cravadas no pescoço das crianças, o dispositivo da infância. Mas alegremente, não deixam de evidenciar que muitas destas facas as crianças sabem recusar e lutar contra elas. Gênero e sexualidades estão nessa penumbra malvista e pouco considerada no/dia a dia da escola. E precisamos estar atentas a isto, pelo fato de que numa conversa nunca estamos sozinhos. Ainda que não saibamos para onde uma conversa pode nos levar, é possível pela força da presença, da presença que se incomoda, interrompê-la e colhê-la no que é infame.

Ora, a conversa faz produzir mundos e nesses mundos heterotópicos, as crianças desarranjam saberes e nos fazem deslocar. As crianças não são parceiras dos conservadorismos, dos fundamentalismos e do ódio. Pelo contrário. Para elas, é inadmissível os discursos preconceituosos de seus pais, de seus colegas das escolas, e do professor que nada faz diante da homofobia. É que as crianças ainda não foram dessensibilizadas por completo, logo, elas têm histórias para nos contar. Precisamos descolonizar as crianças, seus corpos, gênero e sexualidades. Para elas uma saia é só uma saia. Para elas, uma saia é brinquedo, um modo de diversão. Para uma criança que não foi contaminada pelos privilégios do sistema sexo-gênero, sapatão, gay etc., é só mais um modo de existir que a pele pode habitar. Para as crianças, as que ainda não foram convocadas a tornarem-se mais um vigilante do sistema sexo-gênero, chorar é

para todo mundo. Com essas crianças que contam histórias através de seus professores e professoras, as tecnologias de gênero, a regulação do corpo e da sexualidade, coisas do mundo dos amantes da norma e seus privilégios, são rebatidos com artimanhas eficazes contidas nas próprias corporeidades ainda plásticas. As crianças, presenças insubmissas no mundo e nas escolas, contando e fazendo histórias, afetadas pelo seu tempo, se dispostos estivermos tem muito a nos ensinar.

Assim como as crianças, professores e professoras, acontecências, somos bons na arte da narração, da conversa ao pé de ouvido e na arte de desviar conversas para longe das cristalizações dos poderes. Por onde nossas insubmissas presenças acontecem, contamos histórias que podem fazer problemas as metanarrativas curriculares que se coadunam com políticas conservadoras e que dizem que isso “foi sempre assim”, ou, que nossas histórias, as que dizem das dissidências de gênero e sexualidade, desde a infância, buscam desvirtuar as inocentes crianças herdeiras dos privilégios da norma de gênero e sexualidade e destruir a família tradicional. Através da manipulação do pânico moral e da efetivação da pedagogia do medo via práticas educativas, púlpitos de igreja e de partidos políticos, a mumificação do sistema sexo-gênero heterocentrado vai se constituindo. Ela é reiterada cotidianamente através dos contos de fadas, das fábulas, da manipulação do texto bíblico, dos desenhos animados, dos filmes, dos fatos infames aqui e acolá, da herança euro-hétero-macho-autoritário, das facas atravessadas na garganta etc. Este brutalismo, manipulando imagens carrancudas de vidas abjetas através do sofrimento, faz alianças com os mais diferentes modos de afirmar conservadorismos reacionário e os fundamentalismos. Para nós, entretanto, enquanto houver vida também a possibilidade de escrever a história com a tinta do sangue dos corpos dissidentes.

Imagem 4 – *Os possíveis passam pelo corpo.*



Fonte: os autores.

O fim não está próximo: provocações finais

Atenção manipuladores de histórias que buscam conservar o mais do mesmo: se preciso for, sabemos pegar microfones e megafones; temos formas de agir fazendo as histórias que ainda precisam ser inventadas/contadas/escritas chegar na rua, na praça pública e onde for preciso, afinal, somos infames. A praça pública, porque heterotópica, pode ter a forma de uma sala de aula, de um auditório lotado de um congresso, de um programa de televisão, de grupos de *WhatsApp*, de um capítulo de livro e de um artigo científico que faz andanças pelas redes sociais. Em praça pública, ainda que esta possa ser localizada no mundo virtual, nas redes sociais, em uníssono, em multidões *queer*, entoaremos palavras de ordem que dirão aos conservadores de seus privilégios, que prestem atenção nas histórias sem eira e nem beira que resolveram contar. Não vamos

dar sossego a vocês. Dizer isso é afirmar desde aqui, que histórias estão sendo disputadas e é disputando histórias que entramos no jogo das políticas de narratividade.

Nossos processos de subjetivação como educa(dores), mas também como pro(fé)ssores, acontecem num tempo dentro do tempo ao sabor das histórias que nos contam e com as quais estabelecemos sentidos e seguimos por aí fiando o que importa e curando as feridas de quando tiramos as facas que cravaram em nossos gargantas desde a infância. Ao longo de nossos processos (de)formativos ou (com)formativos, ficamos sabendo de histórias que demoramos acreditar tamanha musculatura de seus brutalismos, com requintes de crueldade foram tramadas e reiteradas. Por outro lado, contudo, as histórias se espalham por onde a vida vaza. Se tem uma coisa que sabemos fazer muito bem, por onde nos tornarmos presenças em práticas educativas a favor da vida que não nos pertencem, é fiar e desafiar histórias. Fazemos bons usos delas. Sabemos o momento certo. Esse aqui é um deles.

Enquanto isso, o nosso mote, criancieiro, para todas as crianças e com toda proteção de que necessitam apenas para ser o que desejam e possam ser, com todas as tintas possíveis, será este: “a tua diferença é o nosso espaço de esperança” (MÃE, 2022, p. 187).

Referências

ARCHANELO, Ana; WALDE, Erna von der. Pensamento sitiado: portas de entrada para um diálogo sobre fundamentalismo a partir do filme A Vila. In: GALLO, Silvio. VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Escritos urbanos: ensaios sobre subjetividade e política. Curitiba: Editora CRV, 2020.

CHÂTELET, Gilles. *Les animaux maladies du consensus*. Paris: Lignes, 2010.

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários, educadores*. São Paulo: N-1, 2011.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: N-1, 2018.

FOUCAULT, Michel. La vie des hommes infâmes. In. *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 15.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GLUCKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

Hooks, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MÃE, Valter Hugo. *As doenças do Brasil*. Rio de Janeiro: A biblioteca azul, 2021.

MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. São Paulo: N-1, 2021.

MOUAWAD, Majdi. *Incêndios*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

PRUDENTE, Celso Luiz. A dimensão pedagógica do cinema negro: uma arte ontológica de afirmação positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio. In: SILVA, Dacirlene Célia; PRUDENTE, Celso Luiz (org.). *A dimensão pedagógica do cinema negro – aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente*. São Paulo/SP: Editora Anita Garibaldi, 2019.

RODRIGUES, Alexsandro. et al. Crianças em pesquisas que se arriscam, riscam e dão passagem a abordagens metodológicas brincantes. *Revista Brasileira de Estudos da homocultura*. Cuiabá. 2019. Vol. 02, N. 02, Abr. -Jun., 2019. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. Acesso: 13/07/2023

RODRIGUES, Alexsandro; WENETZ, Ileana, CAETANO, Marcio. Currículo como narrativas e estudos queer: emergências que interrogam a educação. In: RODRIGUES, A; CAETANO, M; SOARES, Maria da Conceição Silva. (orgs.). **Queer(i)zando currículos e educação**: narrativas do encontro. Salvador: Editora Devires, 2020.

Dissidence and differences in sexuality and gender:
What do children tell about themselves?

Abstract: The article aims to highlight conversations between teachers and children at the intersection between gender and sexuality in search of the power of bodies free from consensus as a disease. To do so, it articulates the concept of heteronormation and brutalism to explore modes of resistance through the corporeities of dissident children. As evidenced, there is an incisive movement in life to sharpen knives and point them at the bodies in dissent, indicating a hatred that is both individual and collective. However, the school invites the reader not only to see brutalisms. Dissident children not only exist, they also make alliances, call on the other to take a stand. “Teacher, what are you going to do so that this does not happen again?”, claims a child. Thus, it highlights the importance of dialogue with children, emphasizing how dissident children are potent for writing other stories beyond heteronormativity.

Keywords: Children. Dissidence. Sexuality. Gender. Scholl.

Recebido: 28/07/2023

Aceito: 26/01/2024